



REVISTA DO MINHO

Para o estudo das
tradições populares

Dirigida por

José da Silva Vieira

SERIE XIV

N.º 13

CANCIONEIRO POPULAR DO BAIXO ALEMTEJO

organizado por DIAS NUNES

(Continuação)

DCCLIV

Fui-me a confessar ao Carmo,
Confessei que andava amando;
Deram-me de penitencia
Que fosse continuando...

DCCLV

Fui um dia a passear,
Encontrei o meu amôr;
Olhou p'ra mim e me disse:
—No coração fica a dôr.

DCCLVI

Faz o gôsto à tua mão,
Que não quer senão riqueza;
Bem lhe pôdes mandar vir
Das Indias uma marqueza.

DCCLVII

Carta, vai onde te eu mando,
Que lindos olhos vaes vêr.
Carta, põe-te de joelhos
Quando te quiserem ler.

DCCLVIII

Cartas são papeis
Letras são signacs.
Amôr, não m'escrevas

Que inda choro mais.

DCCLIX

Corre agoa do vall'verde
Para o cannival da quinta.
Toda a vida ouvi dizer:
«Vai-se um amôr, veom trinta.»

(Continúa)

OS TRES PRETOS DO CANUDO

Era uma vez uma mulhersinha muito pobre que tinha um filho a quem obrigava a ir buscar todos os dias lenha para o lume, que ella depois vendia a diferentes pessoas. Era d'isto que ella vivia.

Ora succedeu que o rapaz, um dia, cansado de ir todos os dias buscar lenha, decidiu fazer uma «partida» á mãe: ir a uma quinta que ficava proximo apañhar lenha, que era para o guarda o multar e a pobre mãe pagar quinze tostões de multa.

Assim fez. Pegou n'um machado e encaminhou-se para a quinta. Chegado que foi poz-se a contemplar

as arvores para ver qual havia de cortar. Por fim decidiu-se por uma sobreira já velha que havia de dar muito boa lenha dizia elle.

Empunhou o machado e poz-se a cortar a sobreira; ao chegar ao meio pareceu-lhe ouvir uma voz lá dentro: parou e poz-se a escutar, mas como nada ouvisse, continuou a cortar. D'esta vez, porem, ouviu distinctamente uma voz:

—Tento, que está gente aqui dentro.

O rapaz ficou estupefacto; mas enchendo-se de coragem, disse:

—Se está ahí alguém, saia cá pr'a fóra.

—Immediatamente.

E com grande espanto do rapaz, sahio de dentro da sobreira um preto!

—O que queres tu? perguntou o preto dirigindo-se ao rapaz.

—O que quero eu?! retorquin o rapaz; quero o quintal de minha mãe cheio de lenha.

—Então pega lá, disse o preto entregando-lhe um canudo, de canna; quando quizeres alguma coisa abre este canudo.

—Para que quero eu isto? tornou o rapaz. Isso não presta para nada.

Mas por fim o preto tanto insistiu que elle accceitou o canudo dizendo:

—Se não servir para outra coisa, serve para metter os «palitos». E mettendo o canudo na algibeira, foi-se embora p'ra casa.

Ao chegar perto de casa quiz verificar se o preto fallara verdade.

Nova estupefacção do rapaz a ver sahir de dentro do canudo «tres

pretos»!

—O que é que o sr. quer? perguntaram os pretos a um tempo.

—Quero o quintal da minha mãe cheio de lenha.

E dito isto, os pretos desapareceram. Elle fechou o canudo e depois dirigiu-se para casa e deitou-se.

Eram 8 horas da manhã e ainda a mãe não tinha sentido sair o rapaz.

Foi á procura d'elle e encontrou-o a dormir. Foi-se a elle, accordou-o e gritou-lhe:

—Oh! seu patife! pois você ainda aqui está?! Trate já de me ir buscar a lenha!

O rapaz accordou estremunhado e virou-se para o outro lado. A mãe aggarrou-se a elle e deu-lhe uma bofetada.

—Já foste buscar a lenha?

—Já, sim senhora, respondeu o rapaz sentando-se na cama por effeito da bofetada.

—Que tal está o maroto, hein?! Pois então, aqui na cama é que tu arranjaste a lenha!

—Olhe, vá lá ver ao quintal, replicou o rapaz, levantando-se.

A mãe foi ver ao quintal, convencida de que o rapaz mentia e disposta a dar-lhe uma sova. Qual não foi porém o seu espanto ao ver o quintal cheio de lenha! Foi ter com o filho e perguntou-lhe como é que tinha arranjado aquella lenha.

—Isso é segredo meu; respondeu elle.

*

* * *

Havia por aquelle tempo uma renhida guerra entre duas poderosas nações. O rei d'uma d'ellas, a que estava quasi vencida, tinha uma

filha muito linda, que dava em casamento a quem tivesse a coragem de decidir a guerra, ficando elle victorioso.

Sabendo d'isto o rapaz, poz o canudo ao pescoço atado com um cordel, e foi ter com o rei.

Referiu-lhe o que alli o levava e o rei respondeu-lhe que se elle não vencesse mandava-lhe cortar a cabeça.

Acceites estas condições, tirou o nosso homem o canudo do pescoço, abriu-o, e logo os pretos lhe perguntaram o que queria.

—Quero muitas fortificações para defender a cidade e muitos navios para vencer a outra nação, mas quero isso prompto á noite.

Escusado é dizer que o rei venceu o inimigo e que o nosso homem casou com a formosa filha do rei.

Havia porém na outra nação uma bruxa que propoz ao governo vencer o rei victorioso se elle lhe desse o que ella quizesse.

Acceite a proposta deram á bruxa um navio competentemente equipado e dentro em pouco partiu para tornar a conquistar a nação victoriosa.

Chegados que foram, desembarcou apenas a bruxa e, disfarçando-se n'uma mendiga, foi ter com a filha do rei. Bateu á porta, vindo ella pessoalmente abrir. Depois de pedir esmola, ficou a conversar com a rainha e quando estava para sahir, disse:

—Vossa Magestade já viu o que o seu marido traz ao pescoço?

—Não, respondeu a princeza.

Pois vá lá ver e traga-m'a cá, que é até uma vergonha um principe

trazer uma coisa d'aquellas ao pescoço.

Foi a rainha, e cortou o cordel que prendia o canudo e trouxe-o á bruxa. Esta, assim que o apanhou na mão, fugiu immediatamente para bordo do navio. E abrindo o canudo fez desaparecer logo as fortalezas e conquistou novamente o reino que tinha ficado victorioso. O rei vencido immediatamente mandou prender seu genro e internal-o n'um poço immensamente fundo mas onde não havia agua. Apenas lhe concederam que levasse consigo um gatinho que elle estimava muito.

Escusado será dizer que os ratos lá não tinham conta e por isso o gatinho não fazia senão matar ratos.

Ao segundo dia apparece-lhe lá um muitissimo grande, dizendo para o ex-principe:

Oh! senhor! diga lá o que quer mas não me ande a matar as minhas tropas que me fazem muita falta.

—As suas tropas? perguntou o ex-principe espantado, queas tropas?

O rei dos ratos—pois que era elle—apontou para um monte de ratos que o gatinho tinha apanhado.

—Então aquellas é que são as suas tropas? eu não tenho nada com isso, quem as mata é o meu gatinho.

—Mas, retorquiu o rei dos ratos, diga lá o que quer, mas não me mate mais tropa.

O ex-principe respondeu:

—Quero que me tragas um canudo que está no reino de tal em casa d'uma bruxa.

Imediatamente partiu um exercito de ratos á procura do canudo.

A velha bruxa tinha o canudo escondido debaixo do travesseiro. Uma

noite estava deitada, e sentiu os ratos a cortarem os chousiços que estavam pendurados na chaminé. Enxotou-os da cama mas elles fizeram-se desentendidos e continuaram na sua tarefa,

—Malditos ratos, resmungou a velha levantando-se para os enxotar. Enquanto ella os enxotava da cozinha iam outros tirar-lhe o canudo; quando porém já o tinham em porto de salvamento, deixaram-n'o cair no chão. A velha que já viaha de volta, imaginando que eram os ratos outra vez nos chousiços, voltou para traz a resmungar. Entretanto os outros ratos trataram novamente de apanhar o canudo. D'esta vez conseguiram traze'-o para fóra e ir entregal-o ao ex-príncipe.

Este, assim que se viu de posse do canudo reconquistou outra vez a sua liberdade e a independencia da nação, continuando a viver alegre e feliz, em companhia da princeza e de sua mãe, o resto dos seus dias.

VARIÉDADES

ao Silva Vieira, amador d'estas velharias)

Ha tempos, casualmento, assistii ao sahimento d'um funeral.

Como os costumes são variados sam, o meu espirito investigador, com a paciencia d'um chim e a fleugma d'um inglez, analysou toda aquella scena emocional que se desdobrava por entre uma ladainha de lagrimas amargas como as aguas do Acheronte.

Como que relações tivesse com o dorido, entrei. Ao fundo d'uma ampla varanda, n'um quarto de tecto apaiolado, ennegrecido de velho, estava o feretro rodado por seis magros cirios e vellado por tres anciães refractarios ao enervamento da velhice, de barba muito esca-nhada, lenço ennegrecido em volta da cabeça, umas fatiotas de panno piloto da Covilhã deixando transparecer na rugosa

fronte uma pontita de magua.

Lavradeiras, desgrenhadas de paixão, camponios d'ar sorumbatico e tristonho, chegavam p'ra dar os sentidos pesames á familia que os recebia em uma sala contigua onde os trastes, na phrase de Camillo, carcomidos como rendilhados de uma frontaria de renasceça, pareciam sentinellas perdidas. Uns muito circumspectos e graves estendiam a mão, dizendo n'um tom elegiaco de symphonia fúnebre: —«Resigue-se, foi da vontade do altissimo». E o dorido, regougava: Isto é um portello que todos temos de passar. Dito isto, lacrymejava.

Estavam os seus dias contados, aventava outro, e entre esta variante e a de ser um *copo d'agua ruim d'engulir*, não se deram outros pesames.

Feitos que eram os offerecimentos e dados os pesamos, todos se retiravam fazendo cada um a sua nosographia.

N'isto chegava um homem de meia idade, perna claudicante, olhar solar, onde se espelhava a aridez patibular d'uma Alma que vive na mais exquisita sensualidade que a phantasia pode inventar, e todos se descobriram revoltantes, e as sybillas foram tomar-lhe a benção.

Era o padre cura. Este apartamentase, dirige-se ao defunto, entoa em canto gregoriano uma prece em latim, e ordena o sahimento.

Quatro homens, tiram o cadaver e um velhote—typo d'hervanario—põe o cortejo em marcha.

Umás velhotas assalariadas, com aventaes de estamemba p'la cabeça faziam desconcertado pranto.

A meio do caminho mais, e mal que se enfileiraram começaram n'uma gritaria ensurdecedora.

Julgava eu que este apparatus comico acabado tinha, pois na constituição do bispado de Porto—1687—le-se: Prohibimos que nos ditos accompanhamentos e enterramentos, o nas egréjas em que os defuntos se enterrem se consintam pessoas que vão dando vozes descompostas ou fazendo extraordinario pranto. Apesar de ter raiado a Aurora da Civilisação, n'este canto que é como que o capacete da Europa, ha ainda costumes d'um comico grotesco.

(Continúa)

Albino Bastos.